

AVELINO SÁ

O NÃO-DITO NO DITO DA POESIA

Avelino Sá (1961, Santa Maria da Feira), é licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Vive e trabalha no Porto. Expõe regularmente desde 1982 e em 1987 teve a sua primeira exposição individual. Além de Portugal, expôs na Alemanha, Espanha, Holanda, Brasil e Cabo Verde. Foi Prémio Amadeu de Souza Cardoso em 2013. As suas obras integram coleções públicas e privadas, designadamente o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, o Museu Extremenho e Ibero-americano de Arte Contemporânea (MEIAC), Badajoz, o Museu Berardo, de Arte Moderna e Contemporânea, Centro Cultural de Belém, Lisboa, o Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante, Fundação Ilídio Pinho, Porto. De entre as exposições individuais, destacam-se, nos últimos anos: Arqueologias de uma Escrita em Rotação, Quase Galeria, Porto (2017), O Som do Orvalho, Galeria Fernando Santos, Porto (2017), Desde o Começo Não Há Nada,

Museu Alberto Sampaio, Guimarães (2015), No Caminho das Montanhas, Galeria Fernando Santos, Porto (2012), Bleistiftgebiet – Território do Lápis, Espaço Adães Bermudes, Alvito (2018). Sangue branco na sombra do presente, Artistas Unidos – teatro da Politécnica, Lisboa (2019). Quase Nada, Espaço 531 – Galeria Fernando Santos, Porto (2019), As Minhas Propriedades, Fundação D. Luís I, Cascais; de entre as exposições coletivas: 25º Aniversário da Galeria Fernando Santos, Porto (2017), Rrevolução, Colégio das Artes, Universidade de Coimbra (2017), Passagens, Coleção de Serralves, Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões, Matosinhos (2017), Diálogo, Avelino Sá/Cristina Mateus, Galeria Fernando Santos, Porto (2015), Rota das Catedrais – Sete instâncias de transcendência, Sé de Viana do Castelo (2015), Modern & Medieval Camuflado, Museu Grão Vasco, Viseu (2015), 9ª Edição do Prémio Amadeo de Souza-Cardoso”, Museu Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante (2013), Moments of

Arte, Galeria Gomes Alves, Guimarães (2012) e Coleção Maria José Laranjeiro, Centro Cultural Vila Flôr, Guimarães (2012), De Casa Para Um Mundo. Solar dos Castros - XXI Bienal Internacional de Cerveira, 2020.

Tem umas dezenas de textos críticos às suas obras, em catálogos e na imprensa escrita.

1. RESTOS DO OLHAR

Paul Celan, poeta do limite, que dá voz ao silêncio e à sua carga dramática: a da morte, a do nada que a morte sem esperança representa.

“Os teus cabelos de oiro Margarete

Os teus cabelos de cinza Sulamith”

A marca da diferença – (que vai justificar o crime)

“Oiro, “luz que é tão mortífera quanto o negro
“cinza” dos fornos crematórios.

2. AS CARRUAGENS VÃO CHEGANDO E PARAM

O silêncio da palavra, que se retrai quando a experiência vivida se torna impossível de dizer. (o sofrimento e a morte nos campos de concentração)

3. E DO BRANCO OUTRAS COISAS AINDA

A luz, a neve, o silêncio, o inefável poético. Aproximação ao silêncio que paira sobre as palavras de Celan.

4. CLAREIRAS NO CAMINHO DAS MONTANHAS

Aproximação à estética taoista e Zen, onde a poesia continuou a ter um papel preponderante. Neste caso, os poemas remetem-nos para a percepção do transitório e para a permanência na natureza e na vida.

A observação do rodar das estações, do nascimento e da morte, das mudanças constantes que acontecem no mundo e que nos levam a concluir que tudo é transitório.

Associado a este género de poemas, está a simplicidade e o gosto da solidão e do silêncio, que são condições que favorecem a contemplação e a ascese.

É este indizível – aquilo que nunca foi dito, ou que é impossível de dizer-se por palavras – que o poeta transmite no Haiku e que é como se fosse lido nas entrelinhas, é como se fosse lido não estando escrito. Deste modo, quem lê um haiku vai recriá-lo segundo a atenção que lhe dedicou e de acordo com a dimensão espiritual que atingiu.

A arte deve estar sempre pronta para destruir expectativas e criar perplexidades.

Avelino Sá

Porto, 22 de Abril de 2017

























